

# Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade  
necessária no  
século XXI

Murilo Silva de Camargo  
Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
Alexandre Simões Pilati  
Esther Bemerguy de Albuquerque  
(org.)



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa

# Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade  
necessária no  
século XXI

Murilo Silva de Camargo  
Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
Alexandre Simões Pilati  
Esther Bemerguy de Albuquerque  
(org.)

**Coordenação de produção editorial** : Equipe editorial  
Marília Carolina de Moraes Florindo

**Assistência editorial** : Jade Luísa Martins Barbalho  
Emilly Dias de Matos

**Revisão** : Ana Alethéa Osório

**Diagramação** : Wladimir de Andrade Oliveira

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Editora Universidade de Brasília  
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
CEP: 70910-900  
Telefone: (61) 3107-3700  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte  
desta publicação poderá ser armazenada  
ou reproduzida por qualquer meio sem a  
autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília  
Heloiza dos Santos – Bibliotecária – CRB 1/1913

---


D214 Darcy Ribeiro e a UnB : a universidade necessária no  
século XXI / organizadores, Murilo Silva de Camargo  
... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de  
Brasília, 2022.  
200 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-120-3 (impresso).  
ISBN 978-65-5846-114-2 (e-book).

1. Ribeiro, Darcy, 1922-1997. 2. Universidade de  
Brasília. 3. Universidades e faculdades públicas. I.  
Camargo, Murilo Silva de (org.).

CDU 378.4

---

 Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

# Sumário

## Apresentação

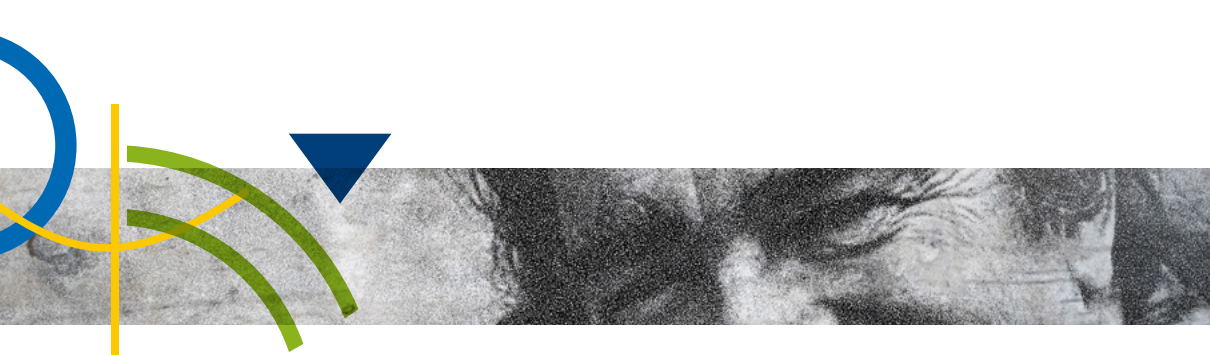
- 9** | **Darcy Ribeiro e a UnB: a universidade necessária no século XXI**



## Parte I

### Os textos de autoria dos estudantes de graduação

- 23** | **Utopia e realidade: reflexões sobre os rumos da Universidade de Brasília**  
Alexsandro de Sousa Bandeira
- 33** | **Universidade para quê? A universidade está sintonizada com o melhor do saber universal e com a sociedade brasileira?**  
Cesar Rodrigues van der Laan
- 43** | **A criatividade para a realização da visão universitária de Darcy Ribeiro**  
Cristiano Hoppe Navarro
- 51** | **Universidade de Brasília, universidade-utopia**  
Júlia Guimarães Stoimenoff Brito
- 59** | **A UnB de Darcy Ribeiro: a aproximação entre o saber e as questões de uma realidade social**  
Nicole Ferro Antunes de Oliveira
- 67** | **Darcy Ribeiro: sonhos interrompidos**  
Victor Eduardo Alves Rocha



## Parte II

### Os textos de autoria dos estudantes de pós-graduação

- 81** | **A universidade sonhada por Darcy Ribeiro:** o papel da Biblioteca Central da UnB e da Editora UnB na busca pela utopia necessária  
Ana Flávia Lucas de Faria Kama
- 91** | **O papel da universidade e o contexto da pandemia:** um ensaio à luz dos ensinamentos de Darcy Ribeiro  
Andressa Soares Costa
- 105** | **“A universidade necessária”:** saber humanizado e responsabilidade social  
Clerismar Aparecido Longo
- 123** | **Vozes da resistência:** Darcy Ribeiro e a UnB no debate contemporâneo  
Inês Ulhôa
- 137** | **Indo para a Universidade de Darcy:** educação e liberdade para pensar a partir do Brasil  
Kennia Dias Lino
- 145** | **A universidade pública, gratuita, de qualidade e inclusiva para todos:** a luta dos povos indígenas para sua inclusão nas universidades públicas  
Luciana Beatriz de Araújo Colombo



- 159 | Universidade para quê e para quem?**  
Darcy Ribeiro, Lyra Filho e a UnB no processo de pluralização do ensino superior no Brasil  
Marcos Júlio Vieira dos Santos
- 169 | Universidade para mudar gente que muda o mundo: uma autoetnografia para ler a política educacional no Brasil**  
Rayane Andrade
- 187 | Darcy Ribeiro e a crítica que não envelhece**  
Thaís Coelho Mariano



Darcy Ribeiro e  
Oscar Niemeyer  
visitam a UnB (1985)

Fonte: Universidade de Brasília.  
Arquivo Central. AtoM UnB









Parte II

# Os textos de autoria dos estudantes de pós-graduação



Alunos caminham  
pelo ICC


Foto: Murilo Abreu



# Universidade para mudar gente que muda o mundo: uma autoetnografia para ler a política educacional no Brasil


Rayane Andrade

O presente texto busca refletir de maneira autoetnográfica sobre o papel da universidade como espaço de transformação dos sentidos políticos e articulação dos sujeitos para a crítica. Coloco-me como uma mulher negra, jovem, trabalhadora, nascida no interior de Goiás, crescida no semiárido nordestino e primeira da família a acessar a escola superior em Direito no território potiguar.



Essa história não é particular. Ela reflete uma construção histórica de um país marcado pelo complexo capitalista-patriarcal-racista que negou à população negra e feminina o acesso à emancipação política. Entre esses elementos a educação tem um papel destacado, sendo um território de intensas disputas nessa luta secular e incessante entre opressores e oprimidos.

E essa batalha brasileira enfrenta um dos seus capítulos mais difíceis. Segundo dados oficiais do Ministério da



Educação (MEC),<sup>1</sup> repercutidos pela mídia brasileira (Idoeta, 2021), em 2021 tivemos o menor número de inscritos no Exame nacional do ensino médio (Enem) desde 2005. O teste é responsável por selecionar quem pode ser admitido nas universidades do país e apenas 3 milhões de inscrições foram confirmadas.

Esse dado é importante como indicador do processo de ataque que a educação brasileira vem enfrentando, especialmente na última quadra histórica. Desde o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, que abriu as portas para a ascensão do bolsonarismo, o ensino superior volta a ser lido como um empecilho e defendido como privilégio (Ministro [...], 2021).

Agravada pela desastrosa gestão da pandemia do coronavírus no Brasil, que só aprofundou a piora das condições de vida do povo, a condição de luta pela sobrevivência afasta das portas das Instituições de Ensino Superior (IES) os milhares de desempregados, em especial os jovens, que agora têm de lidar com o fantasma da fome e da falta de perspectiva.

Temos uma tempestade perfeita para que os discursos que tratam a educação superior como algo supérfluo ganhem impulso. A contradição desse movimento se dá com as políticas de inserção da classe trabalhadora nos bancos universitários com os governos progressistas do Partido dos Trabalhadores, que lideraram o país de 2002 até o processo de ruptura institucional em 2016.

Em especial, a população negra foi diretamente afetada pela abertura das Escolas Federais. Segundo relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea (Dias, 2020), o avanço da presença negra nesse estrato do ensino formal avançou consideravelmente, mas não chega perto dos padrões desejáveis.<sup>2</sup> Dos anos 2001 a 2017, cresceu em 76% o número de universidades no país e, com essa abertura de portas, os critérios de cotas raciais desempenharam um extraordinário fator para inclusão de camadas mais populares da sociedade brasileira (Silva, 2020).

Essas mesmas medidas, resposta ao incansável movimento negro brasileiro, estão sob mira dos escravocratas do presente, representados pelo bolsonarismo. A tentativa de diminuir o papel da universidade e de subordiná-la aos interesses

---

<sup>1</sup> O ENEM 2021 tem mais de 3 milhões de inscrições confirmadas. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/enem-2021-tem-mais-de-3-milhoes-de-inscricoes-confirmadas>. Acesso em: 20 set. 2021.

<sup>2</sup> “Na década de 1960, por exemplo, 95% daqueles que haviam concluído ensino superior eram brancos (Ribeiro; Schlegel, 2015). Para a população negra, mesmo mais recentemente, o acesso sempre foi mais restrito. Apenas dois em cada cem jovens negros de 18 a 24 anos frequentavam ensino superior em 1995, enquanto nove em cada cem brancos o faziam” (Silva, 2020, p. 7).

autoritários se realiza nas mais de 20 intervenções diretas nas reitorias, que desrespeitaram as escolhas de suas comunidades acadêmicas (Cerca de [...], 2021).

É nesse cenário que quero trazer contribuições à pergunta geradora de qual é o papel das escolas de ensino superior. Trata-se de uma investigação qualitativa, que tem como procedimento a autoetnografia, definida como “um método que pode ser usado na investigação e na escrita, já que tem como proposta descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural (Santos, 2017, p. 220). A ferramenta para refletir e interpretar o papel da universidade através de minha experiência encontra amparo nessa ferramenta investigativa, sendo a mais adequada aos objetivos do ensaio.

A pergunta que me mobiliza é: como relacionar minha trajetória enquanto membro da comunidade acadêmica com o papel da universidade na transformação de sujeitos? Para buscar respostas ao questionamento, organizo o ensaio em três partes.

Na primeira, “Universidade para transformar gente”, elaboro os processos fundamentais de inserção no ensino superior que me fizeram reconhecer as relações entre o particular e o universal, como o espaço da Universidade Federal Rural do Semiárido estava pulsante e como mudou minha consciência.

Em sequência, “Costuras pessoais que revelam estruturas: do semiárido ao cerrado”, trago o percurso de mudança de posições: tornar-me pós-graduanda e professora, acessar a Universidade de Brasília. Quero mostrar como as resistências dentro da própria academia não estão deslocadas do que acontece fora de seus muros, preparando uma reflexão sobre os limites e as possibilidades dessa instituição.

Em terceiro lugar, “Gente para transformar o mundo”, faço uma reflexão sobre o papel desses sujeitos que estão nas IES de contribuir ativamente para o processo de transformação da sociedade brasileira; e sobre como o conhecimento engajado na defesa da classe trabalhadora, negra, feminina e periférica são ferramentas importantes para o enfrentamento da barbárie.

Redijo o ensaio como forma de traduzir as mudanças políticas que o Brasil viveu no último período, tendo como recurso narrativo minha própria história. É um convite à “escrivência”, como propõe Evaristo (2006), sobre a tarefa de construir uma educação que transforme gente, que mude o mundo, como nos ensinou Paulo Freire, que completa seu centenário quando escrevo.

## Universidade para transformar gente

*Educação não transforma o mundo.*

*Educação muda as pessoas.*

*Pessoas transformam o mundo.*

(Paulo Freire)

Inspirada nas palavras do patrono da educação brasileira, Paulo Freire, organizei a primeira parada do presente texto. Elaborei os processos fundamentais de inserção no ensino superior que me fizeram reconhecer as relações entre o particular e o universal, como o espaço da Universidade Federal Rural do Semiárido estava pulsante e como mudou minha consciência.

Sou filha de trabalhadores. Pai negro, mãe branca, ambos nordestinos. Minha família se deslocou do semiárido para o cerrado nos anos 1990 em busca de melhorias de vida no cerrado goiano. A realidade foi acachapante, subemprego, exploração, isolamento, precariedade de acesso aos serviços públicos mínimos.

Nasci em 1993, enquanto meu pai convalescia no andar acima do berçário. A solidariedade da comunidade de Jussara em Goiás permitiu juntar dinheiro para comprar uma passagem cara de avião para que retornássemos ao Nordeste, já que uma viagem de ônibus seria fatal para ele. Ao chegarmos, o Sistema Único de Saúde (SUS) salvou-lhe a vida.

Recomeçamos morando na periferia de Limoeiro do Norte, Ceará. E em 2002 a vida da família se transformou. Meu pai foi empregado na indústria de construção das hidrelétricas, minha mãe fez concurso público e tornou-se professora da rede municipal. O salário aumentou, recebi um irmão, compramos um terreno.

A casa era erguida nos fins de semana com a ajuda da comunidade rural que seria o espaço da maior parte de minha infância. E vieram os convites para trabalhar fora. A vida era boa. Tínhamos computador em casa, uma verdadeira revolução.

Passei a estudar com bolsa em escolas particulares e, até então, não conseguia projetar nessas mudanças tão significativas o que acontecia no país e saía na tevê. Essa relação só foi estabelecida quando passei no vestibular de uma jovem universidade, criada no coração do semiárido, a 100 km do meu município.

Antes, entrar no Ensino Superior era quase mistério. Os cursos mais disputados como Direito eram ofertados na capital. Algo mudou na região. Tinha um

bacharelado jurídico ofertado à noite, que garantia acesso a quem não poderia abrir mão de trabalhar para se manter.

A escola era acolhedora. Aos 16 sabia pouco do mundo e de mim e, graças à Universidade Rural do Semi-Árido (Ufersa),<sup>3</sup> estou aqui, redigindo estes parágrafos. A primeira aula na faculdade foi conferida por um jovem professor, de camisa simples e que falava coisas sobre marxismo, revolução e porque éramos tão pobres.

As aulas de Daniel Valença, coordenador do Grupo de Estudos em Direito Crítico, marxismo e América Latina (Gedic),<sup>4</sup> vieram como um raio. Fizem-me perceber que todos os passos até chegar àquelas cadeiras em 2011 não eram fruto de meus esforços, mas eram resultado de uma disputa coletiva sobre para quem era a universidade; levantavam as razões de tantos não estarem ali, cerrando fileiras comigo nos bancos universitários.

Vi a Escola crescer. Não havia calçadas em 2011 e, quando a deixei, a instituição construía restaurantes universitários em seus quatro *campi* espalhados pelo Rio Grande do Norte. E essas mudanças na estrutura respondiam às mudanças que os encontros de jovens e velhos naquela Instituição de Ensino Superior produziram.

O Movimento Estudantil é parte estruturante disto. Tive a honra de ser presidente do Diretório Central dos Estudantes dessa *alma mater*. Lutamos por mais comida, mais bolsas, mais cultura, mais diversidade. Era uma época de mais e nossos sonhos eram realidade.

As marcas desses processos se estenderam à própria cidade, quando em 2013 houve uma fratura. Os estudantes negros e negras que entravam na Ufersa, encontravam aqueles brancos e ricos. Houve uma polarização nítida entre direita e esquerda. O país também mudou. No nosso microuniverso se refletiam os aspectos da conjuntura nacional.

As batalhas eleitorais se tornaram tópico de aulas e de mobilizações. A Ufersa fervia de gente nova – que eram os primeiros na universidade, como eu – e de debates políticos. Esse testemunho consegue resumir o que estava em jogo desde as eleições do primeiro operário presidente, até a reeleição da primeira mulher chefe da nação.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://ufersa.edu.br/>. Acesso em: 7 out. 2022.

<sup>4</sup> Página do Grupo no Facebook. Disponível em: [https://m.facebook.com/gedicmal/?locale2=pt\\_BR](https://m.facebook.com/gedicmal/?locale2=pt_BR). Acesso em: 7 out. 2022.



Nessas décadas foram vários os encontros que permitiram essa narrativa. Uma política de investimento na construção civil, ampliação dos recursos municipais, valorização do salário-mínimo, enfrentamento à fome e crescimento das oportunidades na educação. O país via os Institutos Federais emergirem no coração dos recôncavos da periferia de um Brasil que não era colocado no orçamento.

Mas esse retrato bonito era atravessado por profundas contradições e erros de condução dos governos petistas e do conjunto da esquerda. Conforme Pomar (2016, p. 173):

O fato das políticas sociais do governo Lula serem predominantemente de tipo compensatório, não havendo um salto de qualidade fundamental nas demais áreas (por exemplo, um acréscimo significativo no orçamento da Cultura e dos Esportes; um combate ao monopólio na área da Comunicação; uma redução do espaço ocupado pelo setor privado, nas áreas de Saúde e Educação; um amplo processo de reforma agrária e urbana), indica que neste terreno estratégico o governo Lula se manteve, na média, nos mesmos patamares de governos anteriores.

Como Pomar adverte, essas transformações foram desacompanhadas de uma política orientada para a preparação política da classe trabalhadora na defesa das reformas e de seus próprios interesses. Essa tendência se manteve nas gestões sucessivas do partido e suas coalizões.

Tive a sorte de ter um guia que me apresentou Paulo Freire e a assessoria jurídica popular junto ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, mas isso não era a intencionalidade política do conjunto da comunidade ufersiana. O problema da relação entre as propostas dos governos populares e o enraizamento da consciência de classe não foi tratado de maneira prioritária. O resultado da dissociação entre o trabalho cotidiano de conscientização é que

O PT segue mantendo laços orgânicos com a classe trabalhadora, embora tenham se alterado substancialmente a natureza destes laços, seja devido a mudanças na composição da classe trabalhadora, seja devido a mudanças na composição interna do Partido, ou ainda devido a alterações nas proposições e atitudes do Partido (Pomar, 2016, p. 229-230).

Pomar explica como a mudança na linha estratégica do partido que liderava o Governo Federal, indutor de todas as políticas que alteraram a minha vida e a de milhões, foram fundamentais para esses erros e contradições. Contudo, os laços com sua base foram mantidos, tanto que essa vinculação acabou por fim no golpe institucional de 2016, que retirou Dilma Rousseff do Planalto.

Com a ruptura democrática, as empreiteiras Odebrecht e Camargo Corrêa (Rodrigues; Pinto; Rocha, 2021), atingidas pela operação Lava Jato, deixaram um legado de destruição de empregos estáveis, como foi o caso de meu pai. Com Temer, as políticas de ataques à aposentadoria foram estimuladas e atingiram os ganhos da pensão de minha mãe (Reforma [...], 2018). Meu irmão tornou-se eletricitista de uma terceirizada que presta serviços a uma antiga estatal, vendida ao capital privado.

O desfecho da década petista foi arrebatador sobre mim e a maioria da classe trabalhadora. O passo seguinte foi a reorganização da extrema direita e a vitória eleitoral de Jair Messias Bolsonaro, presidente que sintetiza as construções racistas, patriarcais e capitalistas das elites do país e que coordenou um genocídio da população com a crise sanitária da pandemia do coronavírus.

E essa Escola aberta, democrática e crítica deu lugar a uma intervenção na escolha da reitoria, que remonta às origens históricas da IES. A Escola Superior de Agronomia de Mossoró (Esam), instituição que antecedeu a Ufersa, tem uma experiência de intervenção documentada em vídeo e é um testemunho do passado que se faz presente. (Democracia, 2019).

O reitor vencedor da consulta à comunidade acadêmica, Rodrigo Codes, foi preterido, sendo nomeada a candidata alinhada à pauta conservadora de Bolsonaro. E os ataques ao movimento estudantil prontamente se estabeleceram (Ana Flávia [...], 2022). Aquela escola pujante de 2011, quando entrei, não é a mesma dez anos depois.

Assim, refletir a partir do meu lugar sobre como essas mudanças podem ser percebidas em um recorte de vida demonstram como a centralidade da produção do conhecimento acadêmico é estratégico na disputa ideológica. E o velho conceito de Marx sobre a persistência da luta de classes se impõe.

A reflexão sobre a centralidade da universidade nesse processo acompanhou a minha própria trajetória quando me tornei professora e pós-graduanda na Universidade de Brasília, tema que enfrento na sequência, fazendo um debate mais detido sobre as ideias de educação em disputa.

## Costuras pessoais que revelam estruturas: Ufersa, UEG e UnB

*As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção.*

(Conceição Evaristo, 2017, p. 13)

Aqui no percurso há mudança de posições: tornar-se pós-graduanda e professora, acessar a Universidade de Brasília. Quero mostrar como as resistências dentro da própria academia não estão deslocadas do que acontece fora de seus muros, preparando uma reflexão sobre os limites e as possibilidades dessa instituição.

Enquanto egressa do curso de Direito, fui selecionada para cursar o mestrado na área na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, um período atravessado por muito trabalho e muitos enfrentamentos, percebi que os debates de diversidade eram novidade naquele espaço.

Eram poucas as mulheres na turma e, negras, éramos duas. Percebi que o afunilamento acadêmico tem ainda muitas resistências que precisam ser rompidas. O papel da política afirmativa de argumento racial foi fundamental para que essa porta fosse aberta.

Os trabalhos na pauta de diversidade se ampliaram, e há grupos naquele programa de pós-graduação que têm como temática a questão feminista, negra e diversidades. Assim, enquanto o país retornava ao pensamento de direita, os reflexos se faziam nos debates cotidianos.

E durante o curso, fui aprovada e chamada a assumir a posição de docente efetiva na Universidade Estadual de Goiás. Aos 25 anos, vim com uma mochila e o desejo de implementar o que aprendi aos 16 nas salas de Daniel Valença, no Gedic e no Movimento Estudantil. E os estranhamentos foram profundos.

O território que me pariu parecia não me caber. Entendi que a Escola que eu idealizei na memória – memória que trai quem a tem, pois põe névoa sobre o passado – não se projetava na instituição em que me coloquei: era aprender a ser docente num espaço conservador, sendo um corpo político divergente.

O escape veio com a seleção do doutorado de uma IES que só conhecia dos jornais, a UnB. Essas três letras carregavam um mistério e um assombro. A escola de Darcy Ribeiro, do Direito Achado na Rua. Ao ser admitida como uma de suas discentes, inaugurou-se outra fase. Entrar em um doutorado em uma escola de tanto prestígio alertava os gatilhos de não pertencimento.

Mas a Escola que foi vanguarda na luta pela implementação da política de cotas raciais se apresentava como um espaço de resistência. A lógica de organização geral do Programa de Pós-graduação em Direitos Humanos era orientada pela defesa política da função social do ambiente e se desenvolveu dos cursos de especialização até a abertura do doutoramento.

A UnB, assim como as instituições que me antecederam, estava sob intenso ataque, na linha de fogo da pauta conservadora do governo, que colocava a escola e a educação como vilãs (Marques, 2019). As razões para isso são trazidas por Darcy Ribeiro (1986, p. 13): “a razão casual verdadeira não reside em nenhuma prática pedagógica. Reside isto sim, na atitude das classes dominantes brasileiras para com o nosso povo”. Ou seja, ao perceber que essa mesma classe trabalhadora passava a acessar os espaços restritos do conhecimento formal guardados nas Universidades, a ofensiva veio.

As máximas de Darcy Ribeiro se mantêm: a lógica de se ter uma escolarização aprisionante é fundamental para a manutenção das relações de poder estabelecidas a partir do complexo capitalista-patriarcal-racista. Conforme Freire (1996, p. 61):

A educação como prática da dominação, que vem sendo objeto desta crítica, mantendo a ingenuidade dos educandos, o que pretende, em seu marco ideológico (nem sempre percebido por muitos dos que a realizam), é indoutriná-los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressão. Ao denunciá-la, não esperamos que as elites dominadoras renunciem à sua prática. Seria demasiado ingênuo esperá-lo. Nosso objetivo é chamar a atenção dos verdadeiros humanistas para o fato de que eles não podem, na busca da libertação, servir-se da concepção “bancária”, sob pena de se contradizerem em sua busca.

O alerta do autor mostra a necessidade de compreender a educação como uma trincheira na disputa entre os lucros das elites e a barbárie que vivem os trabalhadores. Ao tentar produzir uma educação para a emancipação, não podemos achar que os privilegiados a aceitarão pacificamente, ao mesmo tempo que temos que conduzir essa prática pedagógica com nítida intencionalidade de romper com os padrões que provocam a “indoutrinação”.

A cruzada contra o próprio Freire é marca da concepção de educação em vigência por parte do Governo Federal. Houve a necessidade de que a justiça

proibisse a gestão de atingir sua honra (Souza, 2021). Assim, a disputa de rumos das Universidades é mote importante para a análise aqui pretendida.

As Escolas devem voltar-se à construção de conhecimento engajado e acomodarem-se às estruturas? Para mim, a escolha é fácil, por colocar-me intelectualmente vinculada a compreensões teóricas do mundo que busquem transformá-lo. Mas, essa adesão ainda não é dominante em nossos institutos educacionais, pelas mesmas razões complexas que já comentamos.

Há na própria UnB entendimentos distintos sobre a questão. Programas inter e transdisciplinares são novidade na construção do saber acadêmico de forma geral. Tais abordagens críticas tendem a ser vistas como subversivas e a provocar reações. Não penso nesses programas de pós-graduação voltados à defesa dos direitos humanos como dissociados do conjunto da própria estrutura universitária, pois eles carregam as mesmas questões a serem aperfeiçoadas e dialogadas, como aqui faço.

Todavia, é a resistência desse conhecimento engajado com a transformação das desigualdades no Brasil que edifica uma comunidade acadêmica participativa. Tanto que, em meio ao mar de intervenções nas escolhas de reitorias, a UnB, tantas vezes antagonizada pelo governo de Jair Messias Bolsonaro, teve sua escolha mantida.

É interessante perceber como as “escrevivências”, como propõe Evaristo, se colocam neste caso. Uma Escola que tem um projeto de pensar a si e aos dilemas brasileiros, com todas suas limitações, se manteve fora do escopo intervencionista que organiza a atuação do Brasil desde o golpe de 2016.

Experimentei intervenções como essas na casa em que estive professora, com a indicação de um procurador do Estado para gerir os negócios acadêmicos, que levou a um aprofundamento do processo de desrealização: não pagamento de salários conforme as titulações, carência de incentivos e apoio ao trabalho docente, disputas ideológicas que implicam necessário recuo.

No tempo que me mantive, a casa me ensinou muito, mas resolvi mudar os rumos profissionais, especialmente diante do desafio de lecionar em meio a uma pandemia, com todas as questões que a intervenção havia produzido, deixando marcas profundas. Todo o processo pandêmico influenciou nossa produção de sentidos da vida. Nesse estágio, decidi fazer uma nova transição e retornar a ocupar o espaço de trabalho de assessoramento político-parlamentar.

Assim, eu, como uma estudante transformada por uma educação crítica, que havia se tornado professora, encontrei um Brasil diferente, mais conservador e duro, e uma Escola difícil de mudar sem dor. Os encontros com a UnB me fizeram

dar outro sentido à pesquisa acadêmica; o fazer político é um dos motores que giram as engrenagens para que a Universidade caminhe.

Em poucos anos de atuação a partir do comando central do país, as elites nos fizeram recuar décadas na educação. A vontade de fechar as portas do ensino superior para gente como eu começou a ser verbalizada não de maneira disfarçada, agora é dita com letras garrafais e mobiliza setores consideráveis da população.

Entrei na academia em um país que via os filhos dos trabalhadores estudarem fora custeados pelo Estado e saí dela com um Brasil que odeia a universidade. Mas, como diz a canção interpretada por Ney Matogrosso (1999),

Na verdade, o Brasil o que será?  
O Brasil é o homem que tem sede  
Ou quem vive da seca do sertão?  
Ou será que o Brasil dos dois é o mesmo  
O que vai é o que vem na contramão?  
O Brasil é um caboclo sem dinheiro  
Procurando o doutor nalgum lugar  
Ou será o professor Darcy Ribeiro  
Que fugiu do hospital pra se tratar.

Esse país de contrastes, como diz o poeta, é sentido nessas transformações que escrevivi. O Brasil que odeia a educação e as universidades é o mesmo que aplaude os doutores das elites. As IES quando começaram a se pintar de povo, como diz o jargão do movimento social, sentiram suas maneiras de produzir ciência ameaçadas. É nessa constante contradição que há a implicação de cada um com o todo.

Assim, a Universidade, assim como todos os espaços e instituições, são trincheiras na disputa constante entre os opressores e oprimidos. Um conhecimento crítico e que tenha compromisso com a melhoria de vida daqueles sujeitos vulnerabilizados é construído no mesmo espaço em que os teóricos para a manutenção do *status quo* são treinados.

A UnB, a UEG e a UFRN são produtos históricos de seu tempo. As resistências com as temáticas hegemonicamente tratadas como inferiores – epistemologias feministas, negras e indígenas – são limitações desses espaços, pois foram formulados para outro fim que não a transformação de gente que mude o mundo, como fala Freire. Mas, se esses espaços que legitimam a fala estão agora debatendo essas

questões, já temos o dado de que, nessa queda de braço, agora há interlocutores capazes de competir.

Há muito caminho a ser percorrido, mas ele está sendo feito. E se, como diz Gramsci (1999), “o velho está morrendo e o novo não pode nascer”, é nesse momento de incerteza que escrevo. Se os monstros estão à solta, é certo que os caçadores destes também surgem. Sobre a necessidade de ter gente que muda o mundo me dedico, elaboro a seguir uma reflexão sobre o papel desses sujeitos que estão na IES de contribuir ativamente no processo de transformação da sociedade brasileira; e sobre como o conhecimento engajado na defesa da classe trabalhadora, negra, feminina e periférica são ferramentas importantes para o enfrentamento da barbárie.

### Gente para transformar o mundo

*Gente é pra brilhar  
Não pra morrer de fome  
Gente deste planeta do céu de anil  
Gente, não entendo  
Gente, nada nos viu  
(Caetano Veloso)*

A canção de Caetano Veloso se impõe como um hino deste tempo. No Brasil há muita fome. Em 2021 pessoas reviram carcaças de ossos, pelanca e sebo buscando sobreviver mais um dia. Carolina Maria de Jesus dizia que o país precisava ser governado por alguém que já tivesse passado fome. Como profeta, ela ajuda a entender que foi necessário termos um presidente que passou a dor da insegurança alimentar para retirar a nação desse mapa. E ela, novamente, nos ajuda a pensar por que essa conquista nunca pôde ser permanente enquanto durar o complexo capitalista-patriarcal-racista.

Enquanto a comida for mercadoria, haverá o gosto amargo da fome. O banzo da insuficiência de alimento para manter-se. O acesso aos víveres, como direito fundamental, é mediado pela necessidade de capital para obtê-lo e, como a acumulação atinge níveis fabulosos, nossa barbárie cresce.

Falo de fome, pois um dos momentos que me fez despertar na universidade para a necessidade de uma pedagogia engajada foi a necessidade de comer aos fins de semana no Restaurante Universitário (RU). Enquanto presidenta da entidade estudantil da Ufersa, a pauta era comer aos sábados, afinal, aquela escola reunia gente de todo canto para morar nos municípios dos seus *campi* e, como qualquer pessoa, precisavam comer.

Luta posta, a administração da Ufersa nos fez uma proposta: provem que há demanda por quatro sábados seguidos e abrimos o RU no fim de semana. Eles não acreditavam que os estudantes precisassem comer subsidiados pela Escola. Bom, no primeiro sábado o medo do fracasso corroía e, enquanto consumia a refeição, olhava para o lado; as filas se avolumaram e o tilintar de pratos, copos e talheres fez meu estômago ficar cheio de emoção e, de comida, claro.

Aquela pequena mudança havia sido apenas uma expectativa meses antes e, naquele momento, se realizava. Coisa pouca diante dos desafios de 2021, mas aquele momento ficou gravado como prova de que o movimento estudantil é um centro de treinamento para as lutas que enfrentamos enquanto trabalhadores.

Fazer a transição do particular ao universal como ferramenta de entendimento do mundo é importante. E o movimento estudantil faz esse processo educativo muito bem, ainda que não seja uma componente curricular aceita na maioria dessas escolas como prática pedagógica válida. Sobre essas dinâmicas, Mao Tse-Tung (2009, p. 55) comenta:

A unidade do particular e do universal, a presença, em cada fenômeno, tanto daquilo que a contradição tem de universal quanto daquilo que ela tem de particular, o universal existindo no particular, nos obriga, ao estudarmos um fenômeno determinado, a descobrir o particular e o universal assim como sua ligação mútua, a descobrir o particular e o universal no próprio interior do fenômeno, assim como sua ligação mútua, a descobrir a ligação que mantém com os muitos outros fenômenos exteriores a ele (Tse-Tung, 2009, p. 55)

O autor nos coloca como as implicações sistêmicas se percebem nos episódios cotidianos, e como esses eventos se implicam no todo. Entender que a comida não deveria ser mercadoria começou para mim como o debate sobre abrir o Restaurante aos sábados. Assim o é com as trabalhadoras mais vulnerabilizadas que eu, como Carolina Maria de Jesus, que era íntima da barbárie capitalista-patriarcal-racista.



Como ela traz, a fome também é professora. Há uma pedagogia que é de dor, mas que pode ser transformada em autonomia, como ensina Freire.

É interessante que as críticas à escola que “doutrina” feitas pela extrema direita brasileira são incompatíveis com a realidade. A doutrinação existente é da “indomesticação” que Darcy Ribeiro denunciava, fenômeno que dá caldo para que a “escola sem partido” se coloque no debate público como alternativa.

Minha opinião a respeito é explícita: a Escola tem que tomar partido. Tem-se que entender que, na luta desleal entre os poderosos e os vulnerabilizados, as trincheiras no processo de emancipação política devem ser nitidamente orientadas para acumular para a classe trabalhadora.

Por que o movimento estudantil não é percebido como uma estratégia pedagógica a ser levada em consideração na avaliação? Por que temos acesso ao ensino superior através de vestibular? Por que não pensamos em uma outra Escola, cujo compromisso não seja com o desenvolvimento de tecnologias para a exploração e acúmulo de riqueza, mas para a sociabilidade e conservação do planeta?

Essas e muitas outras questões podem ser formuladas, e todas elas passam por ter gente mudada pela Universidade repensando seu papel. O apego a uma ideia de possível neutralidade em um Estado capitalista-patricarcal-racista tem de ser deixado. Como disse Breno Altman, em fabulosa entrevista com a liderança sindical negra Paulo Galo, não se trata de um “diálogo de classes, debate de classes”, trata-se de uma “luta de classes”, que no Brasil gerou a morte de mais de meio milhão de famílias, cujos responsáveis diretos falam pela República.

O compromisso da radicalidade, lembrado por Marx, evoca a necessidade de nossos tempos. A fome é radical, a negação ao acesso a Universidade é radical; por que são as trabalhadoras obrigadas a defender uma estrutura que é conformada para a sua opressão? Certo é que as utopias são fundamentais para moverem essas transformações de gente que muda o mundo.

A Universidade tem esse espaço privilegiado, que com os ajustes feitos de maneira popular, movimentou o pensamento que toca pessoas que pensam uma outra forma de ver as coisas. É certo que a Revolução não espreita à porta, mas se não sonharmos ela realmente nunca virá.

São palavras fortes que orientam essa escrivência até aqui, entendendo que a Universidade é um espaço de contradições, pois está inserida em uma estrutura contraditória; e que é necessário girá-la para a defesa das mulheres, da população negra, periférica e indígena, sem reticências.

## Considerações finais

O presente texto buscou fazer uma autoetnografia, metodologia de estudo que busca refletir sobre elementos estruturais a partir da narrativa da autora, o papel da Universidade enquanto espaço de mobilização social para a transformação do mundo. No primeiro momento, abordei o processo das contingências privadas que só foram articuladas ao que acontecia na estrutura política do país com a orientação de um ensino crítico e engajado.

Depois, debati as questões dos atravessamentos entre a Ufersa, UEG e UnB, espaços em que transitei e que a cada modo se relacionam com a conjuntura de avanço das forças políticas de extrema direita e os processos de transformações da própria trajetória, dialogando com as mudanças das próprias IES do período. Por fim, arremato o processo autoetnográfico com a percepção que os processos pedagógicos não oficiais têm uma potência tremenda de fazer das contradições do dia a dia motores para o entendimento das lutas de classes de maneira ampliada.

Reflico sobre a necessidade de entendermos a Universidade como uma trincheira diante da barbárie e de como é importante que voltemos nosso olhar para os grupos vulnerabilizados que disputam esse espaço com os intelectuais que formam o pensamento responsável por sua miséria. O texto busca ser uma “escrevivência”, um testemunho rápido desses tempos tão incertos. A necessidade de reencantamento com nossa humanidade é urgente.

## Referências

ANA Flávia do DCE UFERSA é denunciada na PF pela reitora Ludimila. *Mossoró Hoje*, Mossoró, 30 ago. 2020. Disponível em: <https://mossorohoje.com.br/noticias/33161-ana-flavia-do-dce-da-ufersa-e-denunciada-na-pf-pela-reitora-ludimila>. Acesso em: 7 out. 2022.

CERCA DE 20 instituições federais de ensino estão sob intervenção no país. *Andes*, Brasília, 21 jan. 2021. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/cerca-de-20-instituicoes-federais-de-ensino-estao-sob-intervencao-no-pais1>. Acesso em: 7 out. 2022.

DEMOCRACIA, um sonho distante. A história de luta da ESAM contra o golpe de 1991. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (64min). Publicado pelo canal Sintest Ufersa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LjrhJEI7DVY>. Acesso em: 7 out. 2022.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 57-76.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

IDOETA, Paula Adamo. Enem: o que explica o menor número de inscritos na prova em mais de uma década. *BBC Brasil*, São Paulo, 2 ago. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58021267>. Acesso em: 7 out. 2022.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

MARQUES, Marília. UnB tem R\$ 38 milhões bloqueados; MEC fala em corte de verba por ‘balbúrdia’. *G1 DF*, Brasília, 30 abr. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/04/30/unb-tem-r-38-milhoes-bloqueados-mec-fala-em-corte-de-verba-por-balburdia-entenda.ghtml>. Acesso em: 7 out. 2022.

MATOGROSSO, Ney. A cara do Brasil. *Letras Mus Brasil*, Belo Horizonte, [2003]. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ney-matogrosso/254695/>. Acesso em: 3 out. 2021.

MINISTRO da Educação defende que universidade ‘deveria ser para poucos’. *UOL*, São Paulo, 10 ago. 2021. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/08/10/ministro-da-educacao-defende-que-universidade-deveriaser-para-poucos.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 7 out. 2022.

POMAR, Valter. *A metamorfose*. Brasília: Página 13, 2016.

RODRIGUES, Douglas; PINTO, Paulo Silva; ROCHA, Ludmylla. Estado deixa de arrecadar R\$41,3 bilhões de empresas envolvidas na Lava Jato. *Poder 360*, [S. l.], 6 jul. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/lava-jato/estadodeixa-de-arrecadar-r-413-bilhoes-de-empresas-envolvidas-na-lava-jato/>. Acesso em: 7 out. 2022.

REFORMA da Previdência do Governo Temer. *Gazeta do Povo*, [S. l.], [2018]. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/politica/reforma-previdencia-governo-temer/>. Acesso em: 7 out. 2021.

RIBEIRO, Darcy. *O livro dos CIEPs*. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.

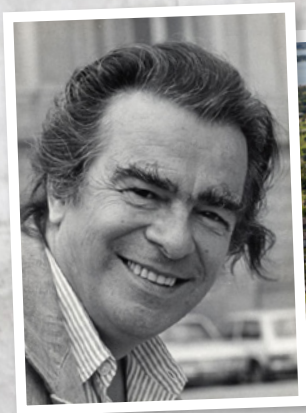
SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural – Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 24.1, 2017, p. 214-241.

SILVA, Tatiana Dias. *Ação afirmativa e população negra na educação superior: acesso e perfil discente*. Brasília; Rio de Janeiro: Ipea, 2020. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2569.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2569.pdf). Acesso em: 6 out. 2022.

SOUZA, Talita de. Justiça proíbe Governo Federal de “atentar contra a dignidade de Paulo Freire”. *Correio Braziliense*, Brasília, 17 set. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/09/4950159-justica-proibe-governo-federal-de-atentar-contradignidade-de-paulo-freire.html>. Acesso em: 7 out. 2022.

TSE-TUNG, Mao. *Sobre a prática & Sobre a contradição*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.



## Darcy Ribeiro e a UnB

a universidade necessária no século XXI



Este livro é uma homenagem à Universidade de Brasília, que em 2022 completa 60 anos, e a Darcy Ribeiro, um de seus mais importantes idealizadores e fundadores, que faria cem anos. Quinze ensaios escritos por estudantes da UnB sobre Darcy Ribeiro e a universidade necessária compõem este volume, que é resultado de edital conjunto da UnB e do Conselho Editorial do Senado (Cedit).

Os textos desta coletânea projetam as vozes de estudantes, em um exercício que investiga os efeitos do pensamento e da ação de Darcy Ribeiro na jornada da Universidade de Brasília, as transformações pelas quais ela passou e aquelas que promoveu. Que vozes poderiam ser mais lúcidas que essas para colocar em perspectiva a história da Universidade? São vozes plurais que reiteram, de forma uníssona, o compromisso da UnB com a construção de soluções para os desafios do país e do mundo – fossem os passados, sejam os presentes. A despeito das diversas tentativas de cerceamento da ação emancipadora desta Universidade, afirmam os estudantes: a UnB alcança os seus 60 anos atuante como sempre, necessária como nunca.



UnB | DEX

